

Mariana Lopes da Costa

29676

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Rui Manuel Flores Araújo, no Instituto Universitário da Maia e pelo professor Pedro Gregório na escola Secundária de Rocha Peixoto.

Outubro de 2019

AGRADECIMENTOS

O alcançar desta etapa não teria sido possível sem a contribuição, carinho e dedicação por parte de várias pessoas ao longo deste grande caminho que foi o meu ano de estágio. Por este mesmo motivo, não quero deixar passar esta oportunidade para agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso e a minha chegada até aqui.

Aos meus pais e família pelo apoio incondicional em todos os momentos e por serem modelos de força, persistência e sacrifício.

Ao meu irmão por estar sempre presente, quer para me amparar e criticar bem como para me congratular fazendo-me sentir uma pessoa melhor e realizada.

Ao Bruno por ser um grande pilar, principalmente neste ano, pela sua paciência e por me mostrar sempre o lado positivo da vida.

À minha segunda família, RPDancers, que fez, faz e fará sempre parte de mim. Por todos os momentos passados convosco e por me mostrarem a força que um ser “humano” pode ter.

Aos meus amigos que nunca estiveram ausentes. Pela amizade e o carinho que sempre me disponibilizaram e pela facilidade de me arrancarem gargalhadas, mesmo em períodos menos bons.

Aos meus colegas do ISMAI pelo companheirismo, desportivismo, atenção e bondade mostrados ao longo destes cinco anos.

Ao meu núcleo de PES por serem as melhores pessoas que podia ter ao meu lado durante todo este percurso de formação.

Ao professor Pedro Gregório, orientador cooperante, por todos os ensinamentos e por toda a exigência que demonstrou ao longo do ano. Pelo carinho também demonstrado e por ter contribuído bastante para a minha evolução quer a nível profissional como pessoal.

Ao professor Nicolau Santos por todas as experiências partilhadas ao longo do desporto escolar e dedicação, e por todo o conhecimento que me foi transmitindo.

À professora Teresa Monteiro por me apoiar em todas os momentos escolares, pelo carinho, disposição e graciosidade demonstrados neste ano.

Ao professor Rui Araújo por ter sido o elo de ligação entre mim e a universidade. Por todos os ensinamentos e conselhos transmitidos, por estar presente sempre que precisei.

À ESRP pela forma como me recebeu. Por toda a cooperação e contribuição em todas as atividades e projetos apresentados. Pelo espírito de equipa demonstrado por toda a comunidade escolar.

Aos meus alunos por todos os momentos que experienciamos, por todas as aulas. Por me terem respeitado e aceitado como vossa professora. Por serem alunos e pessoas incríveis.

Resumo

O presente documento retrata o relatório de prática de ensino supervisionada, inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, do Instituto Universitário da Maia, realizado na Escola Secundária de Rocha Peixoto, ao longo do ano letivo 2018/2019.

A estruturação do documento está dividida em seis diferentes capítulos. O primeiro capítulo é referente ao enquadramento pessoal e profissional onde apresento as razões pelas quais cheguei até aqui e as expectativas iniciais que tinha relativamente ao ano letivo. O enquadramento institucional é o segundo capítulo, onde apresento a importância da Prática de Ensino Supervisionada e o papel que esta apresenta no Instituto Universitário da Maia, mas também a escola cooperante e o núcleo de trabalho. Relativamente ao terceiro capítulo, incluo a prática profissional, o plano da análise da intervenção em que menciono a conceção de ensino, planeamento, realização e avaliação. A participação na escola e a relação com a comunidade é o quarto capítulo onde abordo vários subtemas como as atividades realizadas e a componente ético-profissional. Como quinto capítulo, retrato o desenvolvimento profissional e por último as minhas reflexões finais.

Com este relatório, tenho como objetivo expor todas as minhas experiências e vivências passadas ao longo deste ano letivo fundamentadas com as minhas reflexões, provando a importância deste percurso na minha carreira profissional.

Palavras-Chave: Ensino, Educação Física, Prática de Ensino Supervisionada.

Abstract

This document presents a supervised teaching practice report, inserted in the second year of the Master's Degree in Physical Education Teaching in Primary and Secondary Education, from the Maia University Institute, held at Rocha Peixoto Secondary School, throughout the 2018 / 2019. The structure of the document is divided into six different chapters. The first chapter refers to the personal and professional setting where I present the reasons why I have arrived so far and the initial expectations that I had regarding the school year. The institutional framework is the second chapter, where I present the importance of Supervised Teaching Practice and the role it presents for the Maia University Institute, but also the cooperating school and the internship nucleus. Regarding the third chapter, I include the professional practice, the analysis plan to the intervention in which I mention the design of teaching, planning, realization and evaluation. Participation in school and the relationship with the community is the fourth chapter where I approach various sub-themes such as the activities carried out and the ethical-professional component. As a fifth chapter, I picture professional development and finally my final reflections.

With this report, I aim to expose all my experiences and past experiences throughout this school year based on my reflections, proving the importance of this course in my professional career.

Keywords: Teaching, Physical Education, Supervised teaching practice.

Índice de Siglas e Acrónimos

DE – Desporto Escolar;

EE – Estudante Estagiário;

ESRP – Escola Secundária de Rocha Peixoto;

ISMAI – Instituto Universitário da Maia;

MEC – Modelo de Estrutura do Conhecimento;

MED – Modelo de Educação Desportiva;

MEP - Modelo de Ensino por Pares;

MEEFEBS – Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário;

MID - Modelo de Instrução Direta;

OC- Orientador Cooperante;

PES – Prática de Ensino Supervisionada;

RPES – Relatório de Prática de Ensino Supervisionada;

E.F – Educação Física

Índice Geral

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento pessoal e profissional.....	2
2.1. Uma decisão a partir de um percurso.....	2
2.2. Expectativas iniciais.....	4
3. Enquadramento Institucional.....	7
3.1. A importância da PES	7
3.2. A PES no ISMAI.....	9
3.3. A escola cooperante: lugar de prática.....	11
3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional.....	14
3.4.1. Colegas estudantes-estagiários.....	14
3.4.2. Orientador Cooperante e Supervisor.....	15
3.4.3. As nossas turmas e alunos.....	16
4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção.....	19
4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem.....	19
4.1.1. Conceção de ensino.....	19
4.1.2. Modelos de Ensino.....	20
4.1.3. Planeamento.....	22
4.1.4. Plano Anual.....	23
4.1.5. Planificação das UD.....	24
4.1.6. Planos de aula	24
4.1.7. As aulas.....	25
4.2. Realização.....	27
4.2.1. Dimensões da intervenção pedagógica.....	27
4.3. Avaliação.....	30
5. Participação na escola e Relação com a comunidade.....	32
5.1. Atividades realizadas.....	32
5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação.....	34
5.3. A Componente ético-profissional.....	35
5.4. Socialização profissional e institucional.....	36
5.5. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão.....	37

6.	Reflexões finais.....	38
7.	Referências bibliográficas.....	40

1. Introdução

O presente documento retrata o Relatório de Prática de Ensino Supervisionada (RPES), inserido no segundo ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), pelo Instituto Universitário da Maia (ISMAI), ao abrigo da legislação referente à habilitação profissional para a docência pelo Decreto-lei nº 79 de 14 de maio. A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada na Escola Secundária de Rocha Peixoto (ESRP), durante o ano letivo 2018/2019, sob orientação do orientador cooperante (OC), professor da ESRP, sob supervisão de um professor do ISMAI e elo de ligação entre a escola cooperante e o instituto universitário.

Este RPES representa uma parte integrante da minha formação enquanto futura docente pois é através da sua realização que poderei concluir o MEEFEBS e obter a certificação profissional de que necessito para exercer esta função. Porém, e mais importante ainda, a realização deste relatório contribuiu para a minha formação uma vez que, através dos dados, informações e resultados organizados, ajudou-me a refletir e a perceber acerca do que posso melhorar, o que correu bem ou mal e que alterações fazia ou não relativamente a esta mesma prática. Para além disso, foi fundamental a sua elaboração uma vez que a pesquisa e a investigação do conhecimento estiveram bastante presentes, os quais são relevantes para o sucesso profissional.

Desta forma, o RPES está dividido em seis diferentes capítulos, nomeadamente: enquadramento pessoal e profissional, enquadramento institucional, prática profissional, a participação na escola e a relação com a comunidade, o desenvolvimento profissional e reflexões finais. No primeiro capítulo apresento as razões pelas quais cheguei até aqui e as expectativas iniciais que tinha relativamente ao ano letivo. No segundo capítulo exponho a importância da PES e também da escola cooperante e do núcleo de trabalho. Relativamente ao terceiro capítulo, relato o caminho do plano da análise ao da intervenção, onde menciono a minha conceção de ensino, o planeamento, realização e avaliação. Quanto ao quarto capítulo, nele abordo vários subtemas como as atividades realizadas e a componente ético-profissional. Por fim, nos dois últimos capítulos apresento a minha experiência profissional e as minhas reflexões finais em relação à mesma.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

O meu nome é Mariana Lopes da Costa, nasci ao décimo primeiro dia do mês de dezembro de mil novecentos e noventa e cinco, na cidade da Póvoa de Varzim, situada no norte litoral de Portugal. Desde muito cedo que demonstrei o meu gosto pelo desporto e atividade física. Certamente fui influenciada pela minha família, uma vez que todos estão ligados ao desporto, nomeadamente o Futebol. Lembro-me de que no Ensino Básico fiz parte da equipa de Futsal da escola e nesse mesma altura entrei também para a equipa de Atletismo da minha freguesia (Amorim). Porém, os momentos de que mais ansiava eram os torneios de Futebol no verão, também organizados na minha aldeia.

Porém, aos dez anos, entrei para um grupo de dança criado num infantário, Centro Social Bonitos de Amorim e por ele fiz o meu primeiro espetáculo. Ainda tivemos mais algumas exposições, mas lembro-me da minha professora, Lara, me dizer muitas vezes que eu tinha muitas capacidades para a dança e que devia aproveitá-las e trabalhá-las numa academia específica. Depois de muitas conversas com essa mesma professora e com a minha mãe, tomamos então a decisão de me inscrever numa academia de dança e, assim, aos doze anos, troco a zona rural pela zona urbana com o objetivo de me tornar uma bailarina. A minha formação como bailarina passou por várias academias da minha cidade, até chegar a altura da entrada para o secundário.

Aos quinze anos, entrei para a ESRP, influenciada mais uma vez pela família, uma vez que o meu irmão e o meu pai realizaram seu secundário nesta mesma escola. Não obstante, a principal razão foi mesmo o querer entrar na equipa do Desporto Escolar de Atividades Rítmicas e Expressivas, a qual já era muito valorizada pela própria cidade devido às suas incríveis exposições e pódios alcançados. Mal iniciei o meu décimo ano no curso de Ciências e Tecnologias, fiz o casting e entrei logo para o grupo avançado. Ainda hoje me lembro desse dia e das diferentes emoções que senti. No final do dia, a Mariana era uma pessoa feliz e realizada. Durante esta fase do secundário fui fazendo sempre parte do Desporto Escolar (DE) e ao longo do mesmo, nesta mesma escola secundária, criou-se o projeto RPDancers da qual comecei também a fazer parte. Hoje, graças a todo o meu trabalho, orgulho-me de dizer que sou bailarina, atleta, professora, treinadora e coordenadora pedagógica deste grande projeto.

Relativamente ao meu percurso escolar, iniciei-o na Escola Básica do 1.º Ciclo de Cadilhe, devido à proximidade da minha casa e da casa dos meus bisavôs, mas a partir do meu quinto ano, até ao nono, frequentei a Escola E.B 2,3 de Beiriz. Como já anteriormente referido, foi no ensino básico que comecei a explorar mais o mundo do desporto com a entrada numa equipa de Futsal e de Atletismo. Antes de ingressar na universidade, no ensino secundário realizei os meus estudos no curso de Ciência e Tecnologias, uma vez que na altura ainda não tinha a certeza do que queria para o meu futuro, pois esta corrente dar-me-ia mais opções de saída. Ademais, sempre fui muito bem-sucedida em Matemática e isso seria, também, uma mais-valia nesta escolha.

Foi durante este caminho pela ESRP que percebo o que eu realmente queria para a minha vida futura. Sempre gostei muito das aulas de Educação Física (EF) e no secundário não foi exceção, muito pelo contrário. As aulas da Professora Marta Cardoso eram, sem dúvida, as minhas aulas preferidas. O meu gosto pela atividade física e pelas diferentes modalidades facilitaram este meu sentimento positivo pela disciplina, todavia, o que mais me marcou foi, indubitavelmente, a motivação, compreensão e felicidade que a professora trazia para todas as aulas. Esta conseguia retirar o melhor de todos nós, até mesmo daqueles que apresentavam mais dificuldades na prática. De facto, estudos indicam que existe uma forte relação entre fatores motivacionais, onde o ambiente externo, as interações sociais e aspetos pessoais definem profundamente o estado de um indivíduo. Desta forma, o professor tem um papel importante na motivação e participação do aluno (Costa, 2015).

Em 2014, finalmente ingressei no tão esperado Curso de EF e Desporto no ISMAI, o qual me possibilitou a busca pelo meu grande sonho, ser professora. Foi neste ano que comecei a lecionar dança a crianças no projeto RPDancers e, como tal, queria tornar-me melhor profissional nesta área. Ao longo de toda a licenciatura, o gosto pelas diferentes modalidades foi aumentando, e como já tinha como objetivo ser professora, no segundo semestre do terceiro ano, escolhi a opção de Atividades Supervisionadas de Ensino da Educação Física. A escolha do MEEFEBS foi algo muito simples e imediato. Gostaria de ser professora de EF pois, apesar de todo o interesse pela área, sou uma pessoa bastante ativa, comunicativa, motivadora e paciente, características estas, imprescindíveis para exercer esta profissão. Motivar as crianças e jovens a serem fisicamente ativas e mostrar o quão felizes podem ser a fazê-lo é sem dúvida um dos meus grandes objetivos. Para além de tudo isto, tenho perfeita noção que esta escolha oferecerá outras bases e conhecimentos que poderão ser aplicados na minha outra paixão, a Dança.

O primeiro ano de mestrado, de todos os anos escolares, foi até agora o que mais me ensinou. Foi o ano que descobri as minhas maiores dificuldades na área, mas também, de certa forma, contribuiu para a minha evolução pessoal e profissional. Com este ano fui obrigada também a organizar ainda mais a minha vida tendo em conta o número de treinos e aulas que tinha como atleta e treinadora. Não foi fácil, mas no final, foi compensador. Na entrada para o segundo ano, tive de escolher a escola onde queria realizar a PES. Desde cedo que a primeira opção foi a ESRP, escola esta onde realizei o meu secundário e onde continuava a colaborar com o DE, auxiliando o professor Jorge Pereira na sua prática e, claro, sendo professora do projeto de Dança incluído nesta mesma escola.

2.2. Expectativas iniciais

Como referi anteriormente, a ESRP era a minha primeira escolha tendo em conta todas as razões apresentadas. Felizmente, consegui terminar o primeiro ano do MEEFEBS com uma boa classificação, o que fez com que eu fizesse parte dos primeiros dez alunos da lista de seriação. Desta forma, consegui ficar colocada na ESRP, apesar de esta ter sido das escolas com mais candidatos. Comigo, ficaram os meus colegas Bruno Ferreira e Rui Ramos, formando assim, o Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada (NPES) da ESRP do ano letivo 2018/2019.

Com as primeiras visitas à escola, foi possível realizar uma primeira análise em relação ao que nos esperava. O orientador cooperante (OC) encarregou-se de nos aclimatar à escola e a toda a comunidade escolar para que a adaptação fosse, para nós, mais fácil e rápida. Houve, também, uma reunião com o grupo de EF na qual foram tratados diferentes assuntos como as modalidades a abordar por cada ano de ensino. No final da reunião, nós Estudantes-Estagiários (EE) e o OC discutimos a forma como iríamos organizar e distribuir as funções pelos três, chegando à conclusão de que seria importante todos passarem pelas três diferentes turmas e modalidades de forma a enriquecer a experiência deste ano de PES.

A PES é, portanto, um lugar onde eu sempre esperei aplicar todos os conteúdos teóricos abordados durante toda a licenciatura e especificados durante o mestrado. Para este ano, tinha conhecimento de que o momento mais importante da minha formação tinha chegado, pois todos os nossos conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura e mestrado iriam ser testados na prática. Apesar de nos últimos quatro anos ter vindo a adquirir experiência como professora e treinadora de Dança, tinha a perfeita noção que ser professora de EF requeria outras capacidades

e conhecimentos. Com o apoio do meu OC, o Professor Pedro Gregório, docente na ESRP, do professor supervisor (SV), Professor Rui Araújo e da minha “equipa de estágio”, esperaria realizar todas as atividades propostas com sucesso, bem como, cumprir com todos os objetivos. No entanto, percebia também que tanto o OC como o SV iriam, certamente, testar os meus limites. A pressão seria imensa, mas também entendia a importância que esta teria para a minha evolução enquanto professora. O mostrar curiosidade e interesse naquilo que seria o nosso papel dentro da escola e nas funções que teríamos exatamente de desempenhar, procurar conhecer novas perspetivas e ideias, expondo também as nossas, dar sugestões e opiniões, realizar todas as tarefas que nos seriam atribuídas e cumprir os prazos estabelecidos e interessarmo-nos pela escola como um todo, ou seja, não nos preocuparmos apenas com as nossas aulas propriamente ditas, mas também tentar encontrar novas práticas, atividades e projetos que possam ser incutidos no estabelecimento. Todas estas características iriam ser desejadas pelo nosso OC e SV, mas também pela ESRP.

Ao longo da nossa vida, várias são as dificuldades que se cruzam no nosso caminho e na PES sabia que não iria ser diferente. Encontrar diversos obstáculos era algo que aconteceria e, para mim, iria ser não só na organização e controlo da aula durante a implementação de abordagens menos tradicionais, como também na resolução de problemas inesperados durante as aulas. O facto de não ter um grande conhecimento relativamente às diferentes modalidades, tornaria a lecionação muito mais difícil, nomeadamente na instrução. Esta falta de conhecimento iria não só limitar-me na explicação dos conteúdos, fazendo com que os alunos não compreendessem a finalidade dos exercícios, mas também na deteção dos erros durante toda a prática. Sem dúvida que a minha emissão dos feedbacks à turma não seria a melhor, o que acabaria por afetar todo o processo de aprendizagem dos meus alunos.

Devido à minha falta de confiança, tinha algum receio que esta acabasse por influenciar, de alguma maneira, este novo percurso. Sou uma pessoa que não gosta de falhar, exigente comigo mesma e ficaria preocupada, caso não correspondesse às expectativas dos outros. Tendo em conta as relações já existentes com alguns professores da ESRP, algumas delas eram sem dúvida, relações de amizade e carinho. Várias foram as conversas com estas pessoas, e em todas elas, disseram que estavam a contar com o meu melhor. De certa forma, toda esta confiança depositada em mim, fez com que eu sentisse uma enorme responsabilidade em finalizar este ano da melhor forma, fazendo com que todos se orgulhassem do meu trabalho.

Algo que também me afligia era não conseguir motivar os meus alunos na prática durante todo o ano e não avaliar a aprendizagem dos mesmos da forma mais correta. Tendo em

conta todo o meu caminho como aluna no ensino básico e secundário, fui-me apercebendo de que a maioria de nós, alunos, olhávamos para a EF como um espaço que permitia descomprimir de todo o stress acumulado e da inatividade dentro das salas de aula. Com isto, um dos meus objetivos sempre foi não só ensinar, mas também fazer com que os meus alunos apreciassem e valorizassem as aulas de EF. Sendo a motivação fundamental para o processo formativo dos alunos, estava consciente da pesquisa de que iria ter, de forma a encontrar modelos para que as minhas aulas não se tornassem monótonas e repetitivas. Relativamente à avaliação dos alunos, a minha preocupação era o saber como avaliar os alunos mediante tanta diversidade e classificar cada aluno de maneira quantitativa. Ao longo do meu primeiro ano de mestrado fui percebendo que avaliar alunos nem sempre é fácil e que ao longo de todo este processo devemos ser cautelosos e reflexivos.

Certamente, que durante a PES iria ter outras dificuldades, e o que mais desejaria, era conseguir ultrapassá-las a todas. Só assim conseguiria aprender, melhorar e construir a minha identidade profissional. No fundo, atingir o meu sonho. Ser professora de EF.

3. Enquadramento Institucional

3.1. A importância da PES

Em Portugal, a PES encontra-se legalmente enquadrada no Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio e no Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de março que habilita profissionalmente para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário. No ISMAI, a PES surge no segundo ano do segundo ciclo dividida entre a prática pedagógica em contexto e o RPES. Para que tal aconteça, é da responsabilidade da instituição universitária o cumprimento de protocolos com escolas cooperantes que estejam dispostas a receber os estudantes estagiários durante os três períodos do ano letivo.

No meu entender, considero esta prática indispensável para quem quer iniciar a carreira como professor uma vez que, é neste espaço formativo que o conhecimento é efetivamente interiorizado (atividade intrapsicológica) (Gomes, 2018). Desta forma, somos confrontados com a realidade escolar e só assim podemos, verdadeiramente, aprender. O meu primeiro contacto com a ESRP deu-se na fase em que iniciei o meu secundário nesta mesma escola. Lembro-me de ficar impressionada com os diversos espaços destinados para o desporto e lazer, mas também com toda a organização dentro da instituição. Ao longo dos três anos, apercebi-me da heterogeneidade de alunos, professores e funcionários existentes, no entanto, entrar nesta escola como futura professora e não como aluna foi totalmente diferente. Indubitavelmente que o momento que mais ansiava era conhecer os meus alunos. Apercebi-me que este primeiro contacto com as turmas foi essencial para se definir a imagem que os alunos apresentavam. Felizmente, consegui ganhar uma proximidade instantânea com os mesmos, não só devido à minha espontaneidade, mas também ao facto de a maior parte dos alunos serem extrovertidos.

No que diz respeito ao papel assumido pelo PC, o primeiro impacto foi também positivo. Em apenas uma conversa, onde se trocou várias ideias, ele conseguiu deixar-me logo à vontade, mostrando-se aberto a todas as minhas ideologias. Também senti um enorme entusiasmo por parte dos restantes professores relativamente à presença do núcleo de trabalho da PES. “Sangue novo”, esta foi uma das expressões ditas por alguns docentes da ESRP e que sempre irei recordar. Notei que toda a comunidade escolar olhava para nós como um “poço” de vontade extra, novidade e criatividade. Nesse momento percebi que várias eram as pessoas interessadas no nosso trabalho e que tanto elas como nós, estávamos dispostos para aprender uns com os outros.

É também importante referir que as emoções dos alunos definem muitas das vezes as suas relações com o EE durante as aulas de EF, que marcam as experiências mais e menos positivas dos estudantes, enquanto momentos reguladores do seu desenvolvimento (Gomes, 2018). Um professor pode, através das suas ações, da sua forma de lecionar e até mesmo através da própria escolha de exercícios, desencadear diferentes reações emocionais nos seus alunos, positivas ou negativas, estas quem podem influenciar as atitudes/comportamentos dos mesmos. Cabe a nós, professores, saber gerir todo este tipo de sensações nas nossas aulas. Quando estas são de alegria, prazer, satisfação, realização e felicidade é fácil de lidar, o mais provável é existir momentos de muita euforia e aí o professor deve chamar a atenção dos alunos. Contudo, por vezes podemos gerar emoções negativas como ódio, aborrecimento, medo, tristeza e vergonha. Devemos, sem dúvida, evitar gerar todas estas emoções nos nossos alunos, mas, infelizmente, nem sempre o conseguimos fazer. É importante estudar formas de solucionar tudo isto, com o objetivo de voltar a trazer a tranquilidade e o bem-estar para a aula. Para isso, não só acredito na importância de reconhecermos as características individuais dos alunos mas também da valorização da motivação nas aulas de EF, isto é, se um aluno se sentir sempre motivado para a prática, tendo em conta todas as suas particularidades, raras vão ser as vezes que este vai sentir algum tipo de emoção menos positiva.

Um dos meus principais receios para este ano da PES sempre foi a existência de algum conflito, de carácter negativo, com um aluno. Um conflito não tem de ser necessariamente uma ideia negativa pois é a forma como lidamos com o mesmo que vai ditar o seu fim. Nem sempre a nossa sociedade consegue aceitar e/ou respeitar a opinião e/ou maneira de interpretar divergente do outro e quando isso acontece, os conflitos sucedem e por vezes, da pior maneira. Atualmente, os pais protegem bastante os seus filhos, contudo, alguns destes apresentam comportamentos negativos dentro do âmbito escolar que a própria família desconhece. Nós professores, temos um papel fundamental na educação dos nossos alunos, e temos obrigatoriamente de estar a par de estratégias de resolução de conflitos, como por exemplo, ouvi-los e mostrar-lhes o que correu bem ou mal na aula. Isto será benéfico para o seu desenvolvimento e de certa forma irá fortalecer a relação de confiança entre professor-aluno. Esta característica, para mim, é uma das mais importantes num docente e certamente que irei adotá-la durante todo o meu caminho como professora.

Assim, mais uma vez o EE vivencia particularidades da PES, que ocasiona momentos menos positivos, momentos estes de insegurança e ansiedade relativamente às suas capacidades de ensino, onde os próprios questionam-se quanto ao seu futuro como professor. Acredito que

a capacidade de enfrentar esta situação, tornou-me mais forte psicologicamente e conseqüentemente, depois de muita reflexão, dedicação, pesquisa e trabalho, preparada para obter sucesso.

A própria construção da identidade está relacionada diretamente com estes processos emocionais que regulam o modo como o EE atribui significado às experiências vividas durante este último ano de mestrado (Alves, 2018). A identidade profissional pode influenciar a nossa motivação e o sentimento de compromisso e por isso, é fundamental que, durante a PES e através da orientação do OC, o EE compreenda o tipo de professor em que se está a tornar. Creio que a identidade profissional é algo que evolui com o decorrer do tempo e experiência, mas também que depende de aspetos internos e externos. Internos por depender das nossas características individuais e externos devido à construção social entre equipas de trabalho, grupos de amigos e até mesmo a própria família.

Ao longo da nossa vida, vamos conhecendo cada vez mais. Parar para pensar: Quem sou eu de verdade? Qual a minha essência? Os meus sonhos? Quais as minhas qualidades e pontos a melhorar? É algo que devemos fazer casualmente. Isto vai nos ajudar a compreender o nosso propósito, valores e as nossas motivações. Estes dois últimos anos, devido a alguns acontecimentos inesperados, fui “obrigada” a questionar-me sobre todos estes conceitos mencionados acima o que me ajudou a conhecer-me ainda mais. O facto de cada um de nós conhecermo-nos interiormente é fundamental para que possamos assumir o controlo da nossa vida e fazer escolhas de acordo com a nossa real essência. É através desta nossa forma de ser, e em conjunto com as nossas relações sociais, que vamos conseguir construir a nossa identidade e conseqüentemente a nossa identidade profissional.

3.2. A PES no ISMAI

Para a PES se realizar foi necessário um trabalho prévio específico para nós, futuros professores. É necessário preparar os alunos para as exigências de contexto situacional e social, mesmo antes de os colocar a prova com experiências formativas (Gomes, 2018). Assim, foi importante todo o percurso realizado durante toda a licenciatura, com maior relevância, para o primeiro ano de mestrado que, através da Didática dos Desportos, Estratégias de Inclusão, Prática Pedagógica, forneceram os alicerces necessários para as exigências que iriam ser feitas neste ano letivo da PES.

Depois de uma licenciatura em EF e Desporto, onde tive contacto com todas as unidades curriculares ligadas ao ensino da educação física (Pedagogia da Atividade Física e do Desporto, Sociologia da Atividade Física e do Desporto, Atividades Supervisionadas em Ensino da Educação Física), foi necessário especializar-me no ensino da EF e, para tal, foi crucial a minha inscrição no MEEFEBS.

Seguramente que a minha formação pedagógica e didática foi imprescindível para o mestrado, este que apresenta como objetivo, formar profissionais habilitados para, não só integrar conhecimentos nos domínios da EF, nomeadamente do DE e dos Estilos de Vida Ativos como, sobrepor pedagógica e didaticamente a sua formação científica. A capacidade de organização e gestão escolar também é algo que este mestrado procura desenvolver nos estudantes preparando-os para a diversidade de situações da comunidade escolar.

Ao longo de toda a minha formação no ISMAI, mais concretamente, desde a Pedagogia da Atividade Física e do Desporto no segundo ano de licenciatura às Didáticas dos Desportos I e II no primeiro ano de mestrado, houve cada vez mais um estreitamento no que se refere ao ensino. Primeiro tive de compreender todo o processo de ensino e a aprendizagem e perceber que cada aluno apresenta as suas aptidões, seguidamente saber diferenciar um bom ou mau profissional e depois de tudo isto, entender sim, as diferentes formas de trabalhar cada modalidade tendo em conta os objetivos específicos e como intervir durante toda a minha prática tendo em conta a instrução, gestão, clima e disciplina.

Satisfatoriamente, neste mestrado, tivemos a oportunidade de observar professores de outras escolas da Maia a lecionar as suas aulas, onde nos foi proposto avaliá-las, tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica. Além disto, ao longo das nossas aulas no ISMAI, fui também avaliada, individualmente, a lecionar exercícios e até mesmo aulas completas à minha turma. Estas duas experiências contribuíram bastante para o meu conhecimento e desenvolvimento educacional.

Antes de iniciar o ano de EE, a faculdade possibilitou a todos os alunos de MEEFEBS que se apresentavam na Didática de Natação, lecionar uma aula por semana de DE aos alunos do Agrupamento de Escolas do Cerco nas piscinas municipais de Cartes durante seis semanas, aproximadamente. Foi sem dúvida, um dos períodos mais gratificantes e inesquecíveis para mim, enquanto aluna neste estabelecimento, uma vez que tive contacto com a realidade. Enorme foi o prazer de trabalhar com crianças, umas mais problemáticas do que outras e que apesar disso, apresentaram imensa vontade de aprender.

Depois de tudo isto, com a fase da PES, temos a oportunidade de aplicar todos os conteúdos aprendidos na nossa prática e para que esta seja possível o ISMAI estabeleceu vários protocolos com diversas escolas e colégios de diferentes cidades tais como, Valongo, Gaia, Maia, Matosinhos, Póvoa de Varzim, entre outras.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

Para a realização da PES, os EE necessitam então, de uma escola cooperante que esteja aberta a recebê-los. Assim, a instituição universitária é responsável por estabelecer protocolos com escolas ou colégios que disponham de professores de EF experientes que estejam disponíveis para receber os respetivos núcleos de PES. Deste modo, antes de iniciar o ano da PES, tive de escolher a escola cooperante e, como já referi anteriormente, esta foi a ESRP.

Esta escola tem como padroeiro António Augusto da Rocha Peixoto, este que foi um naturalista, professor, etnólogo, antropólogo, escritor e jornalista. Considerado um exemplo de trabalho e dedicação, agia de acordo com os princípios éticos e morais aceites na sociedade intelectual. No final do ano letivo de 2007/ 2008, a ESRP iniciou a modernização das suas instalações, apresentando novos espaços, nomeadamente um campo de futebol sintético, uma piscina coberta e um pavilhão gimnodesportivo usado para diferentes modalidades. Hoje, a escola tem, aproximadamente, 180 professores, 55 funcionários e 1 psicóloga. Com sua capacidade de suportar sensivelmente 1500 alunos, a ESRP reparte os mesmos por 50 turmas no total (ensino básico, secundário e noturno).

Algo que também define a escola é o facto de esta defender e apoiar bastante o desporto. A prática desportiva nas escolas constitui um instrumento de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Através das diversas modalidades do DE, a ESRP, tem como objetivo promover estilos de vida saudáveis que contribuem para a formação equilibrada dos diferentes alunos permitindo o desenvolvimento da prática desportiva em Portugal. Graças ao trabalho árduo e empenho por parte dos professores e alunos, a escola tem vindo a conquistar bons resultados no DE, contando com vários títulos de campeões nacionais distribuídos pelas diferentes modalidades. Para a cidade da Póvoa de Varzim, a ESRP é tudo isto, uma “casa” de oportunidades para todos os alunos, sem exceção, o que justifica o seu lema “Uma escola de todos para todos”. Esta é uma escola que valoriza a identidade pessoal do aluno, pois defende a premissa que todo o currículo

escolar tem influência na formação da identidade dos alunos(Dantas, de Macêdo, Fonseca, & Soares, 2017).

Para além de oferecer as diferentes vertentes do DE, a ESRP apresenta também programas europeus que promove o desenvolvimento de competências linguísticas informáticas e sociais, envolvendo adultos oriundos de diversos contextos culturais. Mais ainda, de destacar também outros projetos, mormente, um coro direcionado para funcionários, professores e alunos, um gabinete de apoio ao aluno e família que apoia os mesmos em diferentes questões como económicas e sociais, apoio jurídico, entre outros. A escola, para além de possuir um jornal e uma revista, oferece também aos mais interessados em ciências, um laboratório eletrónica e informática, um grupo de robótica e, para os amantes do teatro, um grupo para o mesmo.

Para responder a todas estas atividades, é necessário a existência de espaços e instalações e, mais uma vez, a ESRP corresponde a estas necessidades. Para além de todas as salas de aulas, centros de estudo e formação, biblioteca, laboratórios e oficinas, integra também um anfiteatro, dois auditórios, um campo de relva sintética, um pavilhão e uma piscina. Todos estes aspetos mais uma vez defendem o lema desta escola, que pensa nos diferentes gostos, interesses e habilidades dos diversos alunos e tudo isto acaba por representar a especificidade e a identidade da ESRP.

Apesar de já ter sido aluna e fazer parte de um projeto incluído nesta escola, o meu primeiro contacto com a mesma foi um pouco inesperado pois não tinha a noção do reconhecimento que a comunidade escolar tinha por mim, dada a minha envolvência com o grupo de Dança. Sem dúvida que seria algo positivo, no entanto, senti uma enorme responsabilidade pois iria ter muitos “olhos” a observar-me e, por isso, o medo de falhar era enorme. Foi neste momento que percebi a importância que o ano da PES iria ter para mim enquanto futura professora.

Algo que me preocupou mal fui informada das turmas com as quais iria ficar foi o facto de fazerem parte das mesmas alguns alunos com os quais eu já tinha contacto por parte do Projeto RPDancers. O que na verdade me preocupava não era o ser imparcial nas aulas, mas sim ficar aquém das expectativas dos mesmos. Sempre fui uma pessoa um pouco perfeccionista, com medo de falhar, no entanto ao longo do tempo tenho vindo a perceber que só com os erros é que o ser humano aprende e evolui. Ter a noção de que iria ser um exemplo para toda a escola e não apenas para os alunos do projeto, também me deixou de certa forma receosa. A minha forma de estar, seria avaliada constantemente, quer por parte dos alunos, mas também

funcionários e professores. Por estas razões, desde o momento em que iniciei a minha prática na ESRP até ao final da mesma, com o nervosismo e ansiedade acumulados, várias foram as noites sem dormir. Podem me perguntar porquê, mas sinceramente, nem eu sei a resposta certa para esta questão. Como já referi neste RPES, reconheço que, por vezes, procuro o perfeccionismo. Por muito bem que esteja a realizar o meu trabalho, procuro sempre ver os aspetos negativos e aquilo que posso melhorar, esquecendo muitas das vezes dos meus pontos fortes. Sei que esta forma de ser acaba por me paralisar em certas situações e tenho consciência de que, ao não me dar por satisfeita com o meu trabalho, estou sem dúvida a ser demasiadamente dura comigo mesma. Recordo-me que, na altura em que eu lecionava as aulas de EF à segunda feira, passava todo o meu fim de semana a preparar as mesmas. As minhas noites de domingo resumiam-se a magicar com todos os pormenores das aulas e, após as mesmas serem lecionadas, percebia que todo aquele desassossego era desnecessário. Contudo, e correndo o risco de parecer contraditória, tudo isto foi positivo.

3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional

3.4.1. Colegas estudantes-estagiários

Antes de se iniciar o ano da PES, já tinha conhecimento de quais iriam ser os meus colegas estudantes-estagiários, nomeadamente o Rui Ramos e o Bruno Ferreira. O Rui foi meu colega de quase todos os trabalhos ao longo de todo o meu percurso na faculdade e, por isso, já existia uma relação de amizade. Relativamente à sua participação na PES, o Rui foi, simultaneamente, um orgulho e um exemplo para mim. A forma como ele se apresentou no estágio foi exemplar tendo em conta todo o interesse e responsabilidade mostrados ao longo da prática. Acredito que um dos pontos mais fortes dele ao longo deste percurso foi a sua iniciativa que acabou por ser transmitida não só a mim, mas a todo o núcleo.

Quanto ao Bruno, apesar de não existir uma relação de amizade, já o conhecia uma vez que também fez parte da minha turma durante o terceiro ano da licenciatura e o primeiro do mestrado. Acreditava, portanto, que iria existir união e apoio por parte de todos e que certamente iríamos funcionar muito bem como equipa. De facto, a nossa relação foi-se desenvolvendo com o passar do tempo em que a afinidade foi aumentando e acabamos por estabelecer uma relação de amizade. Uma das características que o define e bem é a sua tranquilidade. Consegui mostrá-la durante quase toda a prática e poucas foram as fases em que ele demonstrou algum desassossego. Essa mesma tranquilidade foi-me transmitida o que acabou por me ajudar especialmente em momentos mais preocupantes.

Com o decorrer da PES, fui-me apercebendo que ambos tinham algo em comum, a sua positividade. Por isso, sempre que trabalhávamos juntos, devido ao bom ambiente, acabávamos por ser bastantes produtivos. Alguns problemas foram surgindo durante a nossa prática e graças a essa mesma positividade permitiu-nos, através de uma perspetiva abrangente, ver as coisas de maneira a encontrar soluções. Tanto um como o outro auxiliaram-me em algumas modalidades, nomeadamente o Basquetebol e Futebol assim como também os ajudei com a Dança. Por efeito de toda a partilha de conhecimento, num ambiente cooperativo e reflexivo, os meus entendimentos foram-se tornando cada vez mais profundos.

No que se refere a todo o trabalho desenvolvido na ESRP, o nosso grupo da PES nem sempre se encontrou em sintonia. Porém, com o decorrer de toda a nossa prática, fomos aprendendo a lidar com as nossas diferenças, a aceitá-las e a respeitá-las. Graças a este tipo de relação, eu, o Bruno e o Rui, fomos capazes de desconstruir muitas das nossas perspetivas e

ideologias possibilitando a aquisição de novos entendimentos, concepções e ideais relativamente às nossas práticas. Similarmente, todas esta diversidade existente no núcleo fez também com que eu olhasse para certos temas e conceitos do nosso quotidiano de forma diferente e a valorizá-los.

Outro aspeto que contribuiu bastante não só para o desenvolvimento do meu conhecimento, mas também para o dos meus colegas, foram as reflexões que fizemos em conjunto. Estas fortaleceram o nosso pensamento crítico tornando-nos capazes de adaptar o conhecimento às situações que a prática nos foi exigindo. A melhoria das nossas tomadas de decisão foi fruto de todos estes pontos mencionados acima. A tudo isto, autodenominamos de comunidade de prática, onde um grupo de pessoas, através da partilha das suas dificuldades, ideias e conhecimentos aprendem com as experiências dos outros. Esta foi uma parte importante da PES, estes momentos foram bastante benéficos para a minha evolução e para a evolução dos meus colegas.

3.4.2. Orientador Cooperante e Supervisor

O desenvolvimento da prática supervisionada exige a presença do orientador cooperante que auxilia os EE noutras atividades de desenvolvimento curricular ou organizacional fora da sala de aula. Segundo o artigo 23.º do Decreto-lei n.º 79/2014, o orientador é escolhido pelo órgão legal tendo que existir um consentimento do próprio e a concordância da direção executiva da escola cooperante. Desta forma, o orientador escolhido para nos acompanhar neste ano da PES foi o Professor Pedro Gregório, o qual apresenta não só formação e experiência adequadas às funções a desempenhar, como também a prática docente nos respetivos nível e ciclo de educação e ensino e disciplinas nunca inferior a cinco anos, segundo o Decreto-lei n.º 79/2014, Artigo 23.º.

No decurso deste ano, foi-se criando um bom relacionamento com o OC o que ajudou de alguma forma a interiorizar estratégias, a descobrir habilidades motoras e a adquirir competência social. O papel desempenhado pelo professor cooperante é fundamental tendo em conta a orientação do futuro professor. Este tem como função ajudar os alunos na reflexão de experiências anteriores e na projeção de uma nova forma de conhecimento que tenha em consideração as condições, história e relações de trabalho passadas (Lopes, 2019).

De facto, o professor Pedro Gregório disponibilizou fontes e recursos para que eu evoluísse e tentasse ir sempre mais além, sem nunca me impor o seu próprio estilo de ensino.

Também a reflexão conjunta sobre a própria prática foi algo muito presente ao longo da PES. Inúmeras foram as conversas com o OC e, de aula para aula, fui tendo o cuidado de melhorar todos os aspetos negativos anteriores falados. Com estas reflexões, efetuou-se uma transferência de conhecimentos relativamente às modalidades específicas e à própria realidade profissional de um docente.

Relativamente ao nosso professor supervisor, o atribuído foi o Professor Rui Araújo. O papel do supervisor é, para além de avaliar o EE, informar e partilhar informações relevantes, questionar e problematizar o saber e as suas experiências já adquiridas, sugerir ideias, práticas e até mesmo soluções. Desta forma, a Supervisão Pedagógica é vista como uma ação que contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes (Sangueiro, 2014). O SV, através de um campo de ação e de saber multifacetado, deve saber ‘escutar’ e integrar outros saberes, mas também questionar os problemas com o objetivo de criar conhecimento específico e inovador.

Recordo-me da primeira visita do professor Rui Araújo à ESRP tendo como finalidade avaliar a minha prestação na minha primeira modalidade, o Futebol. A aula tinha corrido bem em termos de organização e por essa mesma razão senti-me confortável enquanto a lecionava. Depois de terminada a aula, o SV foi bastante sincero comigo apresentando todos os aspetos positivos reforçando os negativos, e afirmando que, tendo em conta o meu papel já existente na escola, que iria levar-me aos limites. Nesse momento apercebi-me de toda a importância de que um professor supervisor pode ter sobre nós, futuros docentes. Inicialmente fiquei um pouco intimidada com as palavras do professor, mas com o decorrer do tempo fui me apercebendo que apesar de toda a exigência, ele, através da ajuda de analisar e de repensar o meu próprio ensino, estava a retirar o melhor de mim, tornando-me uma melhor profissional.

3.4.3. As nossas turmas e alunos

Depois de uma reunião, nós (EE), em conjunto com o nosso OC, professor Pedro Gregório, decidimos repartir o mesmo número de horas pelos três. Para além disso, achamos importante todos passarem pelas três turmas (12º D, 12º E e 12º P) e pelas diferentes modalidades (Futebol, Natação, Basquetebol, Andebol e Voleibol), segundo a planificação anual da ESRP. Como iria iniciar com a turma do 12º E e 12º D (do curso de Ciências e Tecnologias) tendo, portanto, mais horas por semana, não fiquei com a turma do 12º P (Profissional de Apoio à Gestão Desportiva). No entanto, o OC, fez com que eu tivesse pelo

menos uma passagem por esta mesma turma para perceber as diferenças que existem ao lecionar a alunos de um curso profissional. Outro aspeto importante apresentado nesta mesma reunião foi o facto de o núcleo lecionar, durante o terceiro período, uma turma do quinto ano da Escola Básica Dr. Flávio Gonçalves.

Relativamente à turma do 12º E, primeira turma com a qual tive contacto, consegui criar rapidamente uma relação de afetividade. Era constituída por alunos simpáticos, carinhosos e ajuizados e, devido ao meu constante interesse de os conhecer pessoalmente, o afeto foi crescendo. Quanto ao seu desenvolvimento cognitivo, a turma apresentava uma grande capacidade de pensar e compreender todos os exercícios apresentados e os seus objetivos. Apesar de apresentarem um bom desenvolvimento motor, os alunos do 12º E por vezes demonstravam algumas dificuldades na parte técnica das modalidades, o que era de esperar pois a maior parte não praticava qualquer tipo de desporto fora da escola. Contudo, eram alunos inteligentes, preocupados com o seu futuro e que valorizam bastante a atividade física e o desporto e, por isso, foi fácil comunicar e trabalhar com eles.

Quanto à turma do 12º D, segunda turma com a qual tive contacto, consegui também criar uma relação de afetividade. Muitos dos alunos eram atletas e, por isso, apresentavam um enorme conhecimento na maioria das modalidades. Por vezes, vezes sentia-me desconfortável com a situação pois não me sentia, de todo, perfeita conhecedora de algumas modalidades, como sendo o Basquetebol e Voleibol. Porém, através não só das minhas pesquisas e estudo, como também da forma como consegui aproveitar esses mesmos alunos nas aulas fez com que conseguisse fazer um bom trabalho com esta mesma turma. Com isto, posso afirmar que o 12º D era sem dúvida uma turma com um grande desenvolvimento motor e cognitivo e que apesar de algumas raparigas apresentarem algumas dificuldades na parte técnica e tática, através da cooperação, conseguiu-se chegar ao sucesso de todos.

No que se refere à turma do 12º P, apesar dos alunos apresentarem um bom desenvolvimento motor e cognitivo, mostraram algumas dificuldades na parte técnica e tática de algumas modalidades, como é o caso da Natação. Felizmente, pude lecionar uma aula desta mesma modalidade tendo alguns cuidados com a escolha de exercícios. Apesar de serem alunos inteligentes, mostraram ao longo do ano, alguma falta de maturidade e por essa mesma razão foi necessário mostrar austeridade durante todas as aulas. Ainda assim, conseguimos fazer um bom trabalho com eles.

Por fim, no terceiro período, tive a oportunidade de lecionar turmas do quinto ano da Escola Básica Dr. Flávio Gonçalves. Uma vez que a escola se encontrava em obras, devido às

alterações do espaço, infelizmente não conseguimos lecionar a uma turma de forma constante durante aquele período, no entanto, acabamos por lecionar a várias turmas do quinto ano com a finalidade de trabalharmos o máximo de horas possíveis com crianças daquela faixa etária. Tratou-se de turmas com idades inferiores as turmas com as quais havia trabalhado, exigiu de mim um tipo de trabalho diferente e mais adequado a essa mesma faixa etária. A nível motor os alunos apresentaram um desempenho positivo, mostrando-se empenhados e motivados durante todas as aulas. Como já tinha experiência de lecionar aulas de Dança a crianças destas idades, foi fácil para mim encontrar a melhor comunicação para estas turmas, no entanto, existiu um maior cuidado em termos de gestão e disciplina.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.1.1. Conceção de ensino

Ainda hoje, a EF na escola é vista muitas vezes como uma disciplina complementar, como se ela fosse menos importante do que a própria Matemática e Português. Ela é uma disciplina complexa que deve, ao mesmo tempo, trabalhar as suas próprias especificidades e se inter-relacionar com as outras componentes curriculares. Os alunos que frequentam estas aulas desenvolvem aspetos relacionados com determinadas modalidades mas também colocam em pratica a sua capacidade de atenção, exercitam a sua imaginação e desenvolvem habilidades motoras, aprimorando assim a relação entre si (indivíduo) e o meio (Severino & Porrozzi, 2017). Desta forma, posso afirmar que tanto o desenvolvimento social e afetivo como o desenvolvimento psicomotor e cognitivo são trabalhados com estas crianças e jovens. Acredito que o grande objetivo desta disciplina é despertar nos alunos a disposição e interesse na envolvimento de atividades físicas criando desta forma, experiências entusiasmantes e construtivas com outros indivíduos, tendo a capacidade de reconhecer e respeitar as suas diferentes características e as dos outros. Considero também que, o ser humano não deve de todo, ser egoísta ao ponto de não transmitir o seu conhecimento ao outro.

*“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer
dos seu próprios conhecimentos”*

Platão

O papel do professor é esse mesmo, ensinar e transmitir os próprios conhecimentos aos seus alunos e por essa mesma razão, o meu principal objetivo como EE era não só divulgar todos os meus entendimentos , tendo em conta as diferentes modalidades (Futebol, Natação, Basquetebol, Andebol, Voleibol e Atividades Rítmicas e Expressivas), mas também desenvolver as relações e a própria autonomia. Para isso foi importante pesquisar formas de ensino e daí surgiram os diferentes modelos, como por exemplo: Modelo de Instrução Direto (MID) (Rosenshine, 1979), Modelo de Ensino por Pares (MEP) (Metzler, 2000) e Modelo de Educação Desportiva (MED) (Siedentop, 2011).

Na adolescência, os jovens tendem a procurar desafios, mudanças, responsabilidades, afinidades e até mesmo novas rotinas e por isso, dar a possibilidade aos alunos, de criarem e lecionarem os seus próprios exercícios, iria fazer com que todos estes conceitos fossem trabalhados. Com o decorrer da minha formação no ISMAI, fui compreendendo também que nem sempre o professor consegue ensinar algo da mesma maneira a todos os alunos e por vezes, tendo em conta a existência de uma comunicação própria entre os jovens, a transmissão de conhecimento seria mais fácil através da instrução de aluno para aluno do que de professor para aluno.

4.1.2. Modelos de Ensino

A sociedade tem formatado o ensino no sentido de educar os indivíduos para que estes possuam a sua própria autonomia e sentido de responsabilidade, de forma a encarar desafios, riscos e oportunidades futuras (Araújo, 2015). Para que isto seja possível, é importante encontrar novos ensinamentos e também novas formas de os instruir, e daí, surgem os diferentes modelos de ensino. É de salientar que o modelo mais utilizado até aos últimos tempos, não só na EF como noutras disciplinas, foi o MID. Este modelo defende a ideia de o professor ser um líder instrucional, onde os alunos têm pouca ou nenhuma autonomia nas tarefas. Aqui, o processo de ensino e aprendizagem é centrado unicamente no docente tendo o aluno um papel passivo durante toda a atividade.

Todavia, a forma como os alunos aprendem tem vindo a modificar-se, o que acaba por influenciar também o modo como os professores transmitem os seus conhecimentos (Entwistle & Entwistle, 1991). Segundo a teoria construcionista, o conhecimento não faz parte de um mundo independente mas sim o que fazemos no mundo real, a forma como pensamos e lidamos com objetos físicos (von Glasersfeld, 1995). Por isso, o conhecimento é um processo cognitivo auto-organizado e isolado do cérebro humano e que acaba por ser uma construção mental através de todas as nossas experiências. Esta teoria defende também que o conhecimento é moldável e que para a existência do mesmo é necessário a interação social. Nas aulas, esta interação pode se resumir às relações entre professor-aluno e aluno-aluno. Inclusive, esta teoria alega que o professor deve ter em atenção tudo o que o aluno faz ou diz, com isto, deparamos com uma mudança de paradigma e uma evolução nas abordagens. Estas já não são centradas nos professores, mas sim nos alunos.

Desta forma, surgem os novos modelos de ensino, um deles, o MED, que foi desenvolvido com o objetivo de proporcionar experiências desportivas autênticas para todos os alunos no ambiente escolar. Várias são as suas finalidades: formar alunos desportivamente competentes (técnica, tática, e estrategicamente), literatos (conhecedores dos valores e tradições do desporto, bem como os seus rituais e regras) e entusiastas (aqueles que participam de forma a valorizar, preservar e proteger a cultura desportiva). Este modelo não se mantém estático e inalterável, e devemos reajusta-lo ao encontro das necessidades específicas da turma (Silva, 2015).

O MEP é um modelo centrado mais uma vez no aluno e no desenvolvimento das suas habilidades sociais e cognitivas. Um bom exemplo é dinâmica das tarefas de ensino por pares que possui grande influência no processo de aprendizagem dos alunos (Araújo, 2015). Através do trabalho a pares, estes têm como responsabilidade organizar e consolidar todo o conhecimento e é através deste modelo que podemos fazer com que os bons alunos ajudem aqueles com mais dificuldades. Este modelo é fácil de trabalhar quando se trata de conteúdos pouco complexos. Durante o trabalho a pares, apesar de um dos alunos estar de “fora” a avaliar e a ajudar o seu colega, este, enquanto dá a sua instrução está também num momento de aprendizagem. Ao estar a instruir consegue perceber todos os critérios de êxito e até mesmo os principais erros dos próprios exercícios. Certamente que, quando for ele a executar o movimento/exercício terá um maior cuidado durante a sua prática. Outro conceito a referir no MEP é a comunicação. Como todos sabemos, a comunicação que um aluno apresenta perante outro é totalmente diferente comparativamente com a comunicação entre professor-aluno. Através desta linguagem própria entre alunos, é mais fácil para os mesmos compreenderem o que devem ou não fazer durante os exercícios.

Durante o meu percurso como estudante-estagiária na ESRP, os modelos instrucionais que apliquei até ao momento, nas minhas aulas, foram os três modelos acima referidos. Inicialmente, com a modalidade de Futebol, recorri mais ao MID, uma vez que se tratavam das minhas experiências enquanto professora. No entanto, ao longo da prática e depois de ter desenvolvido as minhas competências de intervenção pedagógica, percebi que seria mais produtivo trabalhar de maneira diferente com os meus alunos. Assim, de forma a desenvolver a sua motivação, autonomia e ,consequentemente, a sua aprendizagem, na segunda modalidade a lecionar (Natação), inseri o MEP e algumas estratégias do MED (afiliação a equipas e competição formal). Nestas aulas, através do trabalho em pares, os alunos observavam e corrigiam os colegas, desenvolvendo assim o seu conhecimento na modalidade. Uma

aprendizagem a pares permite os alunos superar problemas que não conseguiriam resolver sozinhos (Ulstad, Halvari, Sørenbø, & Deci, 2016). Com este tipo de ambiente, os alunos trabalham juntos e colaboram e são obrigados a utilizar estratégias de aprendizagem. Por exemplo, o facto de o aluno ter como instrutor um colega que está ao seu lado e dentro de água, facilita bastante a transmissão do conhecimento. Durante esta abordagem tive o cuidado de garantir as mesmas oportunidades de prática e observação para todos os alunos. Ou seja, após algumas repetições, os alunos trocavam de funções.

No caso do Basquetebol, Andebol e Voleibol, decidi aplicar o MED (Siedentop et al., 2011) em toda a sua plenitude. A turma foi dividida em equipas, existindo, capitães e árbitros (que sabiam as regras das respetivas modalidades) e em que certos alunos tinham como função registar os alunos que melhor executam os aspetos técnicos e táticos selecionadas no momento. Nestas modalidades cada equipa apresentava o seu equipamento (t-shirt da cor definida pela equipa) e no final de cada modalidade existiu sempre a parte da festividade com entrega de diplomas, de acordo com as classificações obtidas pela equipa.

4.1.3. Planeamento

A primeira fase do processo de organização e gestão do ensino e aprendizagem foi o planeamento, que define as componentes do processo do mesmo nos diferentes níveis da sua realização (Rosa, 2015). Planeamento é, assim, o ato de delinear ou até mesmo preparar decisões para alcançar os objetivos definidos, tendo como objetivo melhorar o uso e gestão dos recursos, bem como a qualidade dos ambientes naturais e sociais. Por isto, é essencial o professor ter os seus Planos de Aula (PA), Unidades Didáticas (UD), entre outros documentos, bem planeados e organizados, transmitindo uma maior segurança, confiança e conhecimento relativamente ao seu trabalho.

Deste modo, a preparação de todo este ano letivo iniciou com a elaboração de vários documentos, relativamente à caracterização do meio e da escola, dos Programa Nacional de Educação Física (PNEF) e das decisões do Grupo de EF. Posteriormente, foi importante a elaboração do Plano Anual e do Modelo de Estrutura e Conhecimento (MEC) (Vickers, 1990) para a organização das diferentes modalidades. Este instrumento está dividido em diferentes módulos que servem como uma estratégia ao professor para melhorar a eficácia do seu ensino, sendo, portanto, necessária toda uma organização que sustente a aplicação no terreno.

4.1.4. Plano Anual

No que se refere ao Plano Anual, este documento foi um dos primeiros a ser organizado no início do ano letivo, e nele foi explicitado todo o projeto relacionado com as UD, isto é, todas as modalidades desportivas que seriam lecionadas em cada período. Neste documento, não só foram apresentados os objetivos e os conteúdos que iriam ser abordados em cada modalidade, mas também o número de aulas e espaços disponíveis para as mesmas. Depois de todas estas informações adquiridas antecipadamente, foi possível realizar um planeamento de forma organizada, pertinente e bem estruturada. Depois de uma reunião com os meus colegas da PES e o nosso orientador Professor Pedro Gregório, ficou definido quais as modalidades que cada um de nós iria lecionar nas diferentes turmas e períodos. Uma das particularidades era conseguir oferecer a cada um dos EE o mesmo número de horas a lecionar.

Após a realização do plano anual, achamos por bem a realização do MEC para cada modalidade desportiva. Este documento contribui para o sucesso do percurso do docente pois é através deste que se consegue planear de uma forma estruturada e organizada o que se vai executar e lecionar ao longo das aulas de cada modalidade desportiva. Pode também, ser aplicado em todos os desportos, quer individuais como coletivos podendo ser modificado ao longo da modalidade. coletivos podendo ser modificado ao longo da modalidade

No ensino regular, mais propriamente nas turmas 12.º D e 11.º E, as modalidades foram divididas em Futebol e Natação no primeiro período, Basquetebol e Andebol no segundo e Voleibol no terceiro. De referir ainda que em cada período do ensino regular seria abordada uma diferente disciplina de Atletismo, sendo a Velocidade para o primeiro período, o Lançamento do Peso para o segundo e o Salto em Altura para o terceiro período. Desta forma, a corrida de velocidade seria abordada em simultâneo com as aulas de Futebol, o lançamento do peso em simultâneo com as aulas de Andebol e o salto em altura em simultâneo com as aulas de Voleibol. Além das modalidades já referidas, também neste tipo de ensino seriam realizados, no primeiro e no segundo períodos, os testes de atividade e aptidão física enquanto para o terceiro período estava previsto um teste escrito envolvendo as modalidades lecionadas até à data.

Relativamente ao ensino profissional, e mais concretamente à turma 12.º P, apesar de não ter sido responsável por lecionar a estes alunos, a disciplina de EF está dividida por módulos, sendo que cada módulo corresponde a uma modalidade. Primeiramente seriam

abordados os módulos de Ginástica Acrobática, Dança e a parte teórica e depois, os módulos de Natação e Futebol.

4.1.5. Planificação das UD

De seguida, deu-se início à planificação das UD. Para todas as modalidades foi realizada uma avaliação diagnóstica na primeira aula dedicada a essa mesma UD onde procurei perceber os diferentes níveis existentes em cada, conseguindo deste modo, realizar uma melhor planificação para cada UD. A planificação das unidades didáticas foi realizada sempre conforme os resultados obtidos através da avaliação diagnóstica, pois só assim conseguiria direcionar o ensino para a aprendizagem dos alunos. Com a realização do MEC para cada modalidade desportiva, consegui planear de uma forma estruturada e organizada o que se iria executar e lecionar ao longo das aulas de cada modalidade desportiva. Depois da elaboração do MEC, iniciamos então a realização dos planos de aulas.

4.1.6. Planos de aula

O plano de aula é crucial no processo de ensino e aprendizagem (H. R. G. da Silva, Gonçalves, & Azevedo, 2017), isto porque, é um recurso fundamental para todos os professores, uma vez que os conteúdos que irão ser ensinados precisam de ser pensados com antecedência, e no meu caso particular este facto foi ainda mais evidente. Um PA deve conter, ainda que de maneira resumida, as decisões pedagógicas do professor a respeito do que ensinar, como ensinar e como avaliar o que ensinou, durante a respetiva aula (Bento, 2003). Para tal, um plano deve possuir os seguintes princípios: coerência e unidade; continuidade e sequência; flexibilidade; objetividade e funcionalidade, e precisão (Conceição, 2009). Todavia, é necessário que o professor compreenda que o PA funciona apenas como um guia que conduzirá o professor durante as suas aulas, dando uma previsão de tudo o que será feito dentro da própria aula e o tempo utilizado para cada atividade.

Através do PA, consegui planificar vários aspetos ao pormenor, como por exemplo, o controlo e organização da aula, os grupos a serem formados, a gestão do espaço e material e até mesmo prevenir certas situações inesperadas durante a própria prática. Existem vários modelos que podem ser utilizados no estruturamento de um plano, no entanto, escolhi o mais comum, o modelo tripartido, que consiste na divisão da aula três momentos articulados de forma coerente:

parte inicial, parte inter- média e parte final (Sequeira, 2004). Segundo este autor, a parte inicial da aula (dez a vinte e cinco por cento do tempo de aula) que visa dois objetivos: a criação de um clima pedagógico favorável e a preparação funcional do organismo. A parte intermédia da aula (cinquenta a setenta por cento do tempo de aula) é a mais longa da aula. Nesta parte, normalmente, são lecionados novos conteúdos, exercitados, consolidados e aperfeiçoadas as matérias já conhecidas. Nesta fase da aula são também desenvolvidas as capacidades motoras coordenativas e condicionais. Porém, acredito que seja possível trabalhar estas mesmas capacidades durante toda a aula. Relativamente à parte final da aula, tencionei sempre acabar a aula com o jogo. Este não só traz motivação aos alunos como também fortalece a consolidação dos aspetos técnicos e táticos. Outro aspeto relevante é que o jogo é um auxiliar do professor, uma vez que este consegue avaliar de forma mais prática o conhecimento dos alunos adquirido ao longo das aulas.

4.1.7. As aulas

Relativamente as aulas lecionadas, penso que a maior parte delas tenha corrido bem, mas claro que, existiram algumas um pouco complicadas para mim. Iniciei o ano com o Futebol e sem dúvida que esta foi, para mim, a modalidade mais difícil de lecionar. Apesar de existir conhecimento, nas primeiras aulas deixei-me afetar pelos meus limites físicos e por vezes, o modo como geria as aulas e a escolha dos exercícios nem sempre foi a melhor, tal como o excerto seguinte comprova: “Neste exercício, os alunos estavam com dificuldades em executar os passes uma vez que existia sempre alguém a bloquear. Deveria ter optado por uma variante inicial mais simples como o passe com duas mãos” (excerto da aula três e quatro, unidade de Futebol). Com o decorrer das aulas, felizmente, fui ganhando motivação conseguindo, portanto, melhorar a maior parte dos aspetos negativos. Por exemplo, a escolha de exercícios nem sempre foi a melhor, mas eu sabia que iria ter oportunidade de a aperfeiçoar ao longo de toda a minha PES. Outras modalidades pelas quais senti algum desconforto de lecionar foram o Basquetebol e Voleibol, principalmente no que se trata à emissão de feedbacks e aí sim, devido à minha falta de conhecimento. Tal como o excerto seguinte comprova: “Foi sem dúvida um bom exercício, no entanto não forneci muitos feedbacks aos alunos” (excerto da aula três e quatro, modalidade de Basquetebol). Ainda para mais, existiam alunos que praticavam estas mesmas modalidades fora do contexto escolar, o que me fez sentir também ainda mais desconfortável. Porém, tudo isto, fez com que eu procurasse e pesquisasse mais conhecimento. As minhas idas ao ISMAI

pela procura de livros, as conversas com um treinador e um professor de Basquetebol e a minha troca de mensagens com professor o Rui Araújo valeram muito a pena, pois todos eles, acabaram por contribuir para a evolução do meu conhecimento.

As modalidades onde melhor me senti a lecionar foram o Andebol e a Natação. Sinceramente, não estava a contar com isto, principalmente com o Andebol. Esta foi a única modalidade que pratiquei apenas na faculdade e apesar de me atrair bastante, sabia que o meu conhecimento não era de todo o melhor. Mais uma vez apostei em livros, mas tenho noção de que esta modalidade foi das melhores lecionadas não só pela procura do conhecimento, mas também por já ter tido ultrapassado várias dificuldades ao longo da PES. Estava mais confiante de mim e do meu papel como professora e toda essa confiança acabou por facilitar o meu trabalho. Em relação à Natação, esta foi a modalidade que, em apenas um dia, me mais fez sentir realizada. Sendo uma modalidade com a qual me identifico e com algum conhecimento, não desprezei de todo, a ajuda de um professor da ESRP. Lembro-me perfeitamente desse dia, sentada à mesa da sala de professores com o meu caderno a apontar todas as informações e ideias do professor. Senti um incomodo inicial visto que nunca tinha tido contacto com o professor, no entanto, tudo mudou após cinco minutos de conversa. Várias foram as dúvidas retiradas, vários foram os conhecimentos conquistados e depois daquela conversa de quinze minutos e a procura de mais conhecimento em documentos online, senti-me mais que pronta para lecionar a modalidade, e assim foi. Para além da boa gestão, disciplina e o bom clima das aulas, a instrução foi sem dúvida o meu forte. Voltando ao momento que mais me marcou, a aula de Natação à turma profissional do 12ºP fez-me sentir uma verdadeira professora. Sendo a minha única aula de natação lecionada a esta turma e tendo em conta todas as dificuldades e a falta de atenção apresentadas pela mesma, conseguir fazer com que os alunos evoluíssem alguns dos aspetos técnicos nesse dia. O próprio OC deu-me os parabéns pois para ele, aquela aula foi memorável.

4.2. Realização

Depois de refletirmos sobre o planeamento desenvolvido durante a minha PES, será importante refletir sobre a realização da prática, isto é, o processo no qual passei a aplicar o planeamento anteriormente elaborado em ocasiões práticas e reais de contexto escolar. Foi neste processo que tentei intervir com a finalidade a formação holística dos meus alunos. Face ao exposto, é relevante descrever a minha experiência vivenciada nas quatro dimensões de intervenção pedagógica, mormente a Instrução, a Gestão, a Disciplina e o Clima de aula.

4.2.1. Dimensões da intervenção pedagógica

No que diz respeito à Instrução, esta é uma componente que está presente na relação entre professor-aluno. É uma ação do próprio professor que motiva e transmite ao aluno informações sobre as atividades propostas (Sequeira, 2004). A instrução abrange vários pontos, no entanto, para mim esta é caracterizada por dois pontos cruciais: a comunicação (que tem a ver com a projeção de voz, clareza e objetividade, a explicação inicial da aula e de cada exercício, e a interação com os alunos) e o domínio dos conteúdos (ao nível da explicação inicial, da demonstração dos exercícios, da definição das componentes críticas e dos feedbacks transmitidos), nos quais, inicialmente, senti algumas dificuldades.

Em particular, no início do ano, depois de ter sido operada ao joelho, tive de lecionar a modalidade de Futebol ao 12º E ainda de canadianas. Foi bastante difícil para mim e o facto de o espaço verde da escola ser muito alargado influenciou negativamente a minha instrução. Não consegui demonstrar qualquer tipo de exercícios nesta modalidade, mas com o tempo fui conseguindo arranjar soluções através de desenhos, muitas vezes sentada no campo explicando os exercícios com sinalizadores e, claro, a demonstração com alunos da própria turma. Foi das modalidades mais complicadas para mim, não em termos de domínio dos conteúdos, mas sim da comunicação e demonstração.

Felizmente foi uma fase que passou muito rápido e depois desta, lecionei a modalidade da Natação, Como receava ter algumas dificuldades, mesmo antes de lecionar a modalidade, procurei perceber e compreender melhor acerca dos conteúdos a abordar com colegas mais experientes. De facto, enquanto professores estamos em constante processo de aprendizagem, onde somos instruídos diariamente pelas pessoas que nos rodeiam, incluindo os próprios alunos (Linha, 2016). A partir deste momento fui desenvolvendo a minha autoconfiança e a minha

prestação, não só em termos de comunicação como no domínio dos conteúdos. Procurei sempre realizar a introdução da aula de forma a apresentar os exercícios/conteúdos de aprendizagem aos alunos.

A certo momento senti que a comunicação era um dos meus pontos fortes neste papel de futura professora. Não só conseguia transmitir as informações aos alunos como os conseguia motivar, por vezes através de algumas brincadeiras. No entanto, no caso do domínio dos conteúdos optei sempre por procurar mais conhecimento através de livros, no caso do basquetebol e andebol, mas também com professores da área, no caso do voleibol com o docente e supervisor Rui Araújo. Esta procura pelo conhecimento fez com que eu me sentisse muito mais à vontade nas minhas aulas o que contribui para um melhor ensino.

Para além disso, tive particular cuidado em desenvolver a minha competência na monitorização da atividade (observação do erro e emissão do feedback), assim como também com a instrução no final da aula. No que concerne ao erro, é importante que o professor o reconheça como algo a trabalhar e não como algo apenas negativo, isto é, o erro deve ser visto de forma construtiva, natural no processo de crescimento e aprendizagem, e não como uma ferramenta de exclusão (Nogaro & Granella, 2004). No entanto, isto também é algo que não deve ser ignorado pelo próprio professor. É fundamental, o professor estar atento a todos os alunos de modo a identificar a maior parte dos erros e a intervir rapidamente pois, se deixarmos os nossos alunos executarem e repetirem o erro, depois, num futuro, será mais complicado a correção por parte do aluno. É também importante existir um constante “*feedback*” entre aluno e professor, permitindo a existência de um processo reflexivo de forma a que este último consiga analisar o que é ou não capaz de fazer, compreender as suas dificuldades e a encontrar soluções para ultrapassar todos os obstáculos (Avões, 2015).

A gestão é outro ponto fulcral neste tema. A dimensão organizacional inclui todas as medidas que têm como objetivo melhorar a qualidade de gestão do tempo, dos espaços, dos materiais e da formação e movimentação dos grupos de trabalho durante as aulas (Sequeira, 2004). Ao longo da minha prática, optei por formas eficazes e rápidas de formação dos grupos de trabalho. Por exemplo, quando lecionei ao quinto ano da Escola Básica Dr. Flávio Gonçalves, formei as equipas através de jogos simples e estas foram mantidas até ao final. Ser precisa, rápida e eficiente na colocação e distribuição do material foi muito importante de forma a aproveitar o máximo de tempo de aula possível. Na maior parte das vezes preparava todo o material antecipadamente ou então recorria à ajuda dos próprios alunos. Uma vez que utilizava a competição em todas as aulas, no final das mesmas, as turmas já tinham o conhecimento de

que a equipa com menos pontos acumulados no próprio dia seria a equipa a arrumar todo o material. Procurei também, adotar sempre um bom posicionamento durante todas as minhas práticas, com o objetivo de conseguir controlar visualmente os alunos.

Maximizar o tempo de atividade foi também determinante durante a minha intervenção. Por vezes, só o encorajar e elogiar os alunos pelo esforço desenvolvido já ajudava. Uma vez que senti que nem todas as atividades motivavam os alunos da mesma maneira, tornou-se necessário encorajar e incentivar os mesmos com frequência, para que não diminuíssem o ritmo de exercitação e para que não parem a atividade demasiado cedo. Mais ainda, foi essencial estabelecer regras de comportamento muito claras e fazê-las cumprir (assiduidade, pontualidade, empenhamento, tempo de balneário) e parar o comportamento inapropriado dos alunos sem perturbar e/ou interromper a atividade da aula. Por vezes, este efeito foi conseguido estabelecendo um contacto visual com o aluno, provocando uma aproximação física ou até mesmo fazendo perguntas sobre a própria atividade. Outro aspeto importante foi reduzir os tempos de informação e de organização de modo a maximizar o tempo de empenhamento motor de cada aluno. Organizei equipas sendo que estas foram mantidas até ao fim da modalidade. Mal os alunos chegavam ao local sabiam que tinham de se organizar por equipas aumentando assim o tempo de atividade.

Um clima positivo na escola é essencial para uma boa convivência e satisfação dos alunos, do seu melhor envolvimento com o conhecimento e conseqüentemente, para o melhor desempenho académico (Simone Melo, 2017). Portanto, é importante ajustar o clima e a gestão da sala de aula de acordo com os alunos de forma a garantir o seu progresso, interesse e empenho (Magda Alexandra da Silva Martins, 2014). Assim, deve existir um equilíbrio tendo em conta os conteúdos e a forma como estes são abordados. Não deve existir uma elevada complexidade uma vez que pode provocar sentimentos de desmotivação e, conseqüentemente, levar ao abandono escolar, nem demasiado simples pois poderá também despertar sentimentos de desinteresse por parte dos alunos na aula. De forma a criar um clima positivo na sala de aula devem existir dinâmicas relacionais positivas, contribuindo assim para um bom processo de aprendizagem (Magda Alexandra da Silva Martins, 2014). Também é importante que o professor possibilite a participação dos alunos nas tarefas desenvolvidas para que o clima se torne cada vez mais saudável.

Assim sendo, desde o início do ano letivo resolvi construir uma boa relação com os alunos, com o intuito de ter um maior controlo da turma e fazer com que os mesmos viessem para as minhas aulas motivados, empenhados e colaborativos com as tarefas propostas. Em

relação à diversificação da forma de ensino optei também por utilizar diferentes modelos nas minhas aulas como é o caso do MED. De um modo geral, tive a oportunidade e a satisfação de ter discentes bastantes respeitadores, dedicados e motivados nas tarefas propostas, o que se refletia num bom clima escolar.

4.3. Avaliação

A avaliação é um processo contínuo e sistemático de recolha de informação e um bom princípio de tomada de decisões, pois permite que o professor aperfeiçoe e adapte o seu ensino e planeamento, ao nível e às necessidades dos alunos.

A última fase do processo de organização e gestão do ensino e aprendizagem é relativa à avaliação dos alunos e esta é uma parte imprescindível no que se trata o processo educativo. Reconhecer o ponto de situação dos alunos nas nossas aulas é fundamental para compreendermos se o processo de ensino está a ser ou não produtivo. A avaliação tem, portanto, um enorme papel na progressão do aluno tendo em conta os nossos objetivos como professor.

De acordo com a experiência adquirida, decidi adotar um método de avaliação, alinhado com a cultura e com o contexto escolar da ESRP, que fosse simples, claro e objetivo de preencher, durante a lecionação das aulas. Este ano letivo optamos por executar não só uma avaliação diagnóstica e sumativa, mas também uma avaliação formativa em todas as modalidades. As avaliações diagnósticas, realizadas no início de cada unidade didática, tinham como objetivo compreender qual o nível das habilidades motoras de cada aluno relativamente a uma modalidade desportiva específica. Nesta avaliação, em todas as modalidades, foram observadas e analisadas as habilidades técnicas e táticas dos alunos, recorrendo maioritariamente ao jogo no caso dos desportos coletivos. Por outro lado, as avaliações sumativas, efetuadas na última aula de cada unidade de ensino, tinham como propósito analisar a evolução dos alunos desde a primeira até à aula última. Porém, entre estas avaliações foi importante termos uma noção da evolução do conhecimento dos nossos alunos e da forma como eles compreenderam, exercitaram e consolidaram todos os conteúdos ao longo do ano, sendo portanto a avaliação formativa essencial neste âmbito. Para além da avaliação realizada pelo professor, os estudantes realizaram a sua autoavaliação na última aula de cada período, através do preenchimento de uma ficha, onde estavam presentes os domínios a avaliar, sendo estes, o domínio cognitivo e o sócio afetivo. Os alunos preencheram a mesma ficha ao longo dos três períodos, com a finalidade de terem a oportunidade de visualizar a sua evolução e refletirem

sobre a sua autoavaliação e o seu desempenho ao longo do ano. Os EE, juntamente com o OC, discutiram sempre as classificações em conjunto, chegando sempre a um consenso.

5. Participação na escola e relação com a comunidade

Para além da intervenção educativa, existem outros campos essenciais na integração do EE que não podem ser esquecidos. Para além do ensino aos alunos, o professor tem muitas vezes outros papéis na escola, assumindo responsabilidade pelo planeamento e gestão, ser representante de uma profissão, da escola, e da comunidade escolar (F. E. P. Silva, 2014). Neste sentido, um dos objetivos propostos para a minha PES, consistia na minha envolvência na escola e na comunidade escolar, para lá do tempo despendido na lecionação das aulas e na sua preparação. Desta forma, procurei envolver-me no máximo de atividades possíveis na ESRP. Apesar de já estar ligada à escola, toda esta participação permitiu-me adquirir um maior conhecimento e experiência junto de outros docentes e funcionários, com os quais procurei evoluir as ligações já existentes e criar outras com aqueles que não conhecia.

5.1. Atividades realizadas

As atividades realizadas fora do contexto de sala de aula são indispensáveis para o desenvolvimento enquanto profissional de Educação Física. É através delas que conseguimos também fortalecer as relações com toda a comunidade educativa da ESRP. É de salientar que um professor não se pode limitar apenas a lecionar, mas sim a ser um elemento ativo nas atividades da escola. Várias foram as atividades em que participei e todas elas foram importantes na minha evolução enquanto profissional.

Ao longo do ano da PES estive envolvida em diferentes atividades, algumas delas em simultâneo com o núcleo. Especificamente, no dia Europeu do Desporto Escolar quisemos oferecer uma manhã diferente a todos os alunos da ESRP através de um torneio de hóquei em campo. Todas as turmas que tinham EF nesse mesmo dia e de manhã, com a autorização e presença do próprio professor, puderam comparecer nesta nossa atividade. Uma vez que era provável ter muitos alunos e sendo esta atividade uma novidade, foi importante existir uma boa organização e antecipação de problemas. Nesta manhã contamos com a participação de dezasseis turmas, uma delas com alunos com Necessidades Educativas Especiais. Com esta atividade realizada no início do ano letivo, através da participação de diferentes alunos e faixas etárias, fomos capazes de criar uma aproximação entre todos os alunos da ESRP desenvolvendo as relações já existentes e criando novos afetos. Esta atividade, sendo a primeira, teve um grande impacto em mim pois foi o primeiro contacto que tive com um elevado número de alunos ao

mesmo tempo. Nesse mesmo dia, foi possível também desenvolver as minhas relações com os alunos da escola, este que sempre um dos meus grandes objetivos para este ano da PES.

No dia Mundial da Alimentação, apresentamos um vídeo sobre os bons hábitos na alimentação através das televisões da escola. Também nessa semana, os alunos tiveram a oportunidade de participar numa prova de orientação tendo que responder, ao longo do percurso, a perguntas relacionadas com a alimentação. Para esta atividade, mais uma vez a pensar em todos os alunos da escola, optamos por criar um percurso comum a todos. Participaram nesta atividade 15 turmas e, no decorrer da prova, notou-se um grande empenho e motivação por parte dos alunos. Devido a esta resposta positiva, no segundo período realizamos novamente uma prova de orientação, desta vez sobre a sexualidade. Este é um tema bastante importante para as crianças e jovens e que deve ser conversado com os mesmos. Esta atividade foi realizada por 16 turmas onde a motivação e empenho estiveram novamente presentes. No final desta prova, procuramos feedbacks de alguns professores para compreender melhor a resposta dos alunos a esta atividade. Algo que nos deixou realizados foi descobrir que muitos alunos, principalmente os mais novos (sétimo e oitavo ano), aprenderam certos conceitos que antes desconheciam relativamente ao tema da sexualidade.

Neste ano da PES, quisemos marcar pela diferença e por isso fizemos algo único na escola. Especificamente, idealizamos e planeamos um dia de férias desportivas para os alunos do 7º e 8º ano. O nosso principal objetivo era oferecer a estes alunos, já de férias, a oportunidade de experienciar desportos com os quais a maior parte deles não tiveram contacto. Obtivemos 14 inscrições e com estes alunos realizamos várias atividades como a Dança, o Basquetebol, o Ténis, Hóquei em Campo, Surf e Bodyboard. Proporcionamos aos alunos o contacto com várias modalidades no mesmo dia e lançamos ainda o desafio à escola em continuar com estes dias desportivos, mas alargando o tempo e número de alunos.

Para além de todas estas atividades, este ano fiz algo que nunca tinha feito. Apesar de já estar envolvida no Desporto Escolar de Dança na ESRP, neste ano da PES, foi-me proposto a organização do terceiro encontro do DE. Muita foi a responsabilidade, pesquisa de informação, organização e empenho para conseguir realizar este evento, no entanto, muita foi a ajuda por parte da direção da escola e professores, nomeadamente a professora Teresa Monteiro, professora Graça Macieira, professor e responsável pelas equipas do DE de Atividades Rítmicas e Expressivas, Nicolau Santos, e, claro, o nosso orientador e professor Pedro Gregório. Também os funcionários foram imprescindíveis nesta organização, mostrando sempre disponíveis para me ajudar. Os alunos do curso Profissional de Técnico de Receção

Hoteleira foram incansáveis para este evento uma vez que fizeram parte do staff no próprio dia. Toda esta ajuda foi fundamental para o sucesso do encontro, não esquecendo todo o meu trabalho, vontade e interesse mostrado.

5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

Tendo em conta o meu papel na escola como professora de dança do projeto RPDancers, o contacto e a comunicação com toda a comunidade escolar seria simples e fácil. No entanto, apesar de conhecer muitos professores, funcionários e alunos, enquanto EE, preocupei-me em desenvolver mais essas minhas relações mostrando sempre preocupação com tudo à minha volta.

Relativamente aos professores, procurei, diretamente com os diretores de turma, estar constantemente atualizada de todas as situações das turmas e alunos. Por exemplo, no caso do 12º P, sendo uma turma com mais dificuldades, procurei conhecer a situação dos alunos tendo em conta o seu desempenho escolar. Alguns deles tinham módulos em atraso e, por vezes, dediquei o meu tempo a conversar com os mesmos de forma a oferecer-lhes um pouco de motivação para continuar e não desistir do curso. No caso das turmas de cursos regulares foi mais fácil uma vez que o nosso OC manteve-nos sempre atualizados tendo em conta a situação dos alunos.

Mais ainda, mostrei a minha disponibilidade ao Professor João Paulo no que se refere às aulas de Dança de uma turma do secundário. Uma vez que era a minha área, não tive qualquer problemas em lecionar a modalidade. Conheci mais alunos e por isso, mais relações, o que me deixou muito satisfeita.

Com a organização de eventos relacionados com o DE, recorri bastante à direção da própria escola fortalecendo as ligações, nomeadamente com o Sr. Diretor Albertino Espogeira Cadilhe, subdiretor e professor Noel Maria Carvalho de Miranda, e seus adjuntos, professora Maria da Graça Vareiro Macieira e professor Luís Samuel Fabião.

No que se refere aos funcionários, da mesma forma que eles mostram respeito por mim, eu também o fiz. Tendo eles uma enorme responsabilidade dentro da escola, procurei nunca atrapalhar o seu trabalho, mostrando sempre a minha disponibilidade para o que precisassem.

Quanto aos alunos, estes sim, eram a minha prioridade. O meu principal objetivo era mostra-lhes que podiam contar sempre comigo e assim o fiz. Transmitir inúmeras competências

e valores, que são fundamentais para o desenvolvimento dos discentes, é sem dúvida o papel do professor e este processo não termina após lecionar as respectivas aulas. Por isso, várias foram as conversas pessoais com alguns alunos, muitas das vezes para resolver ou mostrar soluções para certas adversidades. É importante que o docente se preocupe mesmo fora do contexto de aula, com a finalidade de os seus educandos tornarem-se melhores cidadãos e um exemplo para a sociedade.

5.3. A Componente ético-profissional

Atualmente, é importante a qualquer profissional, questionar-se sobre si, sobre o seu trabalho e como este deve ser feito da melhor forma. Refletir acerca do tipo de profissional que queremos ser também é algo relevante, e nós professores não fugimos à regra. Questionarmos sobre que professor estou a ser e que tipo de professor quero ser, é importante para a nossa evolução enquanto profissionais da educação. A profissão de Professor baseia-se numa atividade constitutivamente ética, onde este deve agir segundo um conjunto de princípios de natureza moral e onde se espera que este aplique uma estratégia, desenvolva um método e disponha de recursos para promover a formação ética dos alunos (Caetano & Silva, 2009).

No decorrer do ano letivo, orientei as minhas ações e atitudes segundo os princípios associados à ética, ao profissionalismo e aos valores caraterísticos da ESRP. Tal como me foi instruído desde criança, cumpri com os horários de todas as tarefas propostas, de forma muito rigorosa. Sempre fui assídua, pontual e cumpri na íntegra com o que me foi proposto, estando, permanentemente, presente em todas as aulas que lecionei e as dos meus colegas da PES. Cheguei sempre com antecedência, de forma a ter o material e o espaço organizados para iniciar a aula à hora estipulada. No que diz respeito ao relacionamento com a comunidade educativa da escola, formei diversos laços de proximidade, considerando que transmiti sentimentos de cooperação, simpatia, respeito, amizade, ajuda e educação. Todos estes aspetos mencionados acabaram por contribuir para a minha construção de identidade enquanto professora de EF.

5.4. Socialização profissional e institucional

Acredito que através da socialização podemos aprender e transmitir valores, modos de vida, ideias e crenças, modelos de comportamento, papéis sociais e ainda o conhecimento. Assim sendo, um bom relacionamento com todos os órgãos constituintes da comunidade educativa da ESRP, principalmente o corpo docente, foi fundamental para o sucesso da PES.

Ao longo deste percurso, foram-me fornecidos vários desafios e também liberdade para assumir certos cargos, responsabilidades e autonomia em diversas funções, como sendo o planeamento, lecionação, organização e gestão das aulas, construção de atividades de enriquecimento curricular, abordagens de ensino aplicadas, métodos de avaliação, entre outros, em função dos vários objetivos que, em conjunto com o professor cooperante, foram delineados. Felizmente todos objetivos foram alcançados.

A conexão com este estabelecimento foi desenvolvida a diferentes níveis. Primeiramente, logo no início do ano, confirmou-se realmente aquilo que a ESRP defendia, mormente uma escola de todos para todos. Escola esta que apresenta inúmeras regras, mas que vários são os valores transmitidos a toda a comunidade. Por outro lado, o facto de ter desenvolvido as relações já existentes e criado outras com o corpo docente foi bastante relevante pois tive a oportunidade de adquirir novas experiências e conhecimentos com os mesmos. Certamente que houve uma evolução na minha relação com o OC, Professor Pedro Gregório no decorrer deste ano. A forma como nos recebeu e nos integrou no corpo docente da escola foi sem dúvida uma grande ajuda para nós EE. Sem dúvida alguma que o sucesso alcançado neste estágio, em muito se deve a ele e à sua mestria e a todos os conhecimentos transmitidos.

Quanto aos meus colegas da PES, tive a felicidade e a possibilidade de trabalhar com um colega que fez parte da minha turma desde a licenciatura e outro desde o primeiro ano de mestrado. Apesar de as relações serem diferentes, conseguimos juntos desenvolver ainda mais o nosso companheirismo e amizade, partilhar momentos de partilha e reflexão. Posso afirmar, portanto, que por um lado, o ano da PES, propiciou o desenvolvimento pessoal, considerando o percurso individual, e por outro, valorizou significativamente, o desenvolvimento do espírito de grupo, a colaboração e o trabalho em equipa. Fomos bastante unidos e senti que estivemos todo o ano a remar para o mesmo lado. No meu entendimento, se a PES fosse realizada sem um núcleo de trabalho como este, o choque com a realidade seria ainda mais acentuado e certamente que iria encontrar mais dificuldades. Com isto, comprovo que era impossível ter

um núcleo melhor, a eles estou grata por terem contribuído para a minha evolução profissional e pessoal.

Para o bom funcionamento da minha PES, também foi essencial todo o apoio e disponibilidade prestado pelos auxiliares de educação e pelos serviços administrativos. É de salientar o elevado cuidado em todos os espaços, quer fosse de aula ou de recreio, onde sempre transpareceu organização, empenho e muita higiene. Todos estes aspetos abordados anteriormente, definitivamente, contribuíram para o meu crescimento não só profissional, como também pessoal.

5.5. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

Ao longo da PES várias foram as dificuldades sentidas, nomeadamente a falta de conhecimento por algumas modalidades. Como já referi acima, onde senti mais desconforto e até mesmo bloqueios foi a lecionar o Basquetebol e o Voleibol, porém, devido à minha dedicação na procura do conhecimento com profissionais da área e até mesmo livros, consegui ultrapassar todas estas contrariedades. Também na gestão da turma e na escolha de exercícios apresentei algumas lacunas, no entanto, com a pesquisa e procura do conhecimento e experiência fui melhorando todos estes aspetos. Contudo, o conhecimento nunca é demais e tendo em conta todas as mudanças que a nossa sociedade sofre com o decorrer dos anos, cabe a nós professores, estar em constante evolução. Por essa mesma razão, é indispensável que o docente esteja em constante aprendizagem, com a finalidade de obter novos conhecimentos. São estes novos saberes que vão fazer com que não sejamos docentes vulgares que baseiam as suas aulas com métodos tradicionais (técnica de repetição) em nada interessantes para o aluno (Ribeiro, Silva, & Teixeira, 2018).

Tendo a noção de que, como profissional, tenho e terei sempre algumas lacunas e aspetos por melhorar, será importante para mim participar em formações bem como observar e avaliar outros profissionais da área. Quantas mais experiências tiver mais conhecimento terei e é nisso que tenho de me basear. Acredito bastante nesta forma de pensar e se colocar tudo isto em prática, de forma constante, irei com certeza, tornar-me cada vez melhor profissional.

6. Reflexões finais

A PES foi sem dúvida, o ponto mais importante de todo o meu percurso escolar. Não desvalorizando os restantes anos letivos, foi durante a PES que pude finalmente pôr em prática todos os conhecimentos adquiridos e vivenciar o mundo do professor em contexto real. Como faz parte da minha personalidade, mais uma vez procurei dar o meu melhor. Entreguei-me por completo aos alunos, professores, funcionários e toda a comunidade da ESRP, mostrando-me sempre disponível para o que fosse preciso.

O facto de poder fazer parte de uma comunidade escolar tão competente como a da ESRP foi sem sombras de dúvida um privilégio. Tentei absorver o máximo possível de todas estas pessoas competentes com o objetivo de me tornar melhor profissional. Algo que sempre sonhei foi marcar algo ou alguém e, com este ano, espero realmente ter marcado de forma positiva a escola, os professores e funcionários, mas principalmente os alunos.

Para mim, o mais gratificante deste ano da PES foi conseguir responder às minhas expectativas iniciais. Após estes quatro anos de formação no ISMAI, adquiri um suporte teórico muito consistente e compacto, que serviu de auxílio para o desenvolvimento das minhas competências profissionais. A PES permitiu, como já foi anteriormente afirmado, um elevado crescimento a nível profissional e pessoal, pois através deste estágio aprendi diversas técnicas e métodos que podem ser utilizados numa prática em contexto escolar. Adicionalmente, aprendi bastante com o OC, núcleo da PES, auxiliares de educação, corpo docente (em geral) e, principalmente, aprendi em todas as aulas com os meus educandos, reconstruindo, portanto, o meu pensamento.

Vários foram os momentos ao longo desta caminhada, tanto positivos e negativos. Acredito que são os bons momentos que nos motivam e nos dão forças para continuar o nosso caminho, no entanto, acredito ainda mais que, ao ultrapassar os momentos menos bons nos tornámos mais fortes e preparados para qualquer adversidade que possamos encontrar. Sem dúvida que foi o ano que mais me marcou pessoalmente e profissionalmente e me fez sentir realizada.

Sem sombras de dúvida, que todo este meu caminho académico, mas principalmente a PES, foram um desafio para mim e para superá-lo foi fundamental desenvolver cada uma das minhas emoções. Com ele, conheci, percebi e entendi todos os meus estímulos, muitos deles desconhecidos. Mais uma vez, consegui transformar todo o meu desconforto em motivação e com isto superei e enfrentei todas as barreiras encontradas.

Percebi que ser professor não é nada fácil, no entanto, é algo que nos traz gratidão e realização. O facto de sermos um exemplo para os alunos, é algo muito positivo, mas também uma enorme responsabilidade. Procurar ser melhor em tudo o que fazemos foi algo que também aprendi este ano e sem dúvida que o conhecimento é uma “arma” muito poderosa para o ser humano.

Uma das minhas metas, tendo em conta o meu percurso como professora, será sempre, não só ser uma boa profissional, mas sim, alguém que inspire os outros a serem cada vez melhores. Desta forma, apresento uma citação de William Arthur Ward, que sempre me marcou e que sempre fará parte da minha essência:

“O professor medíocre conta.

O bom professor explica.

O professor superior demonstra.

O grande professor inspira”

7. Referências bibliográficas

- Alves, M. (2018). Explorando possibilidades acerca da construção da identidade profissional em contexto de estágio em educação física: contributo para a formação de professores através de um olhar etnográfico.
- Araújo, R. (2015). Long-term Implementation of Sport Education and Step-Game Approach: The Development of Students' Volleyball Competence and Student- Coaches' Instructional Skills. *Rui. Faculdade Desporto*, 1. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Avões, P. (2015). Feedback dos professores e o envolvimento dos alunos na escola: um estudo com alunos do 9ºano. Dissertation.
- Bento, J. O.(2003). Planeamento e avaliação em educação física. Lisboa: Livros Horizonte
- Caetano, A. P., & Silva, M. de L. (2009). Ética profissional e Formação de Professores. *Revista de Ciências Da Educação*, 8(2009), 49–60.
- Conceição, J. S. (2009). a Importancia Do Planeamento No Contexto Escolar. Programa Nacional Escola de Gestores Da Educação Básica Curso de Especialização Em Coordenação Pedagógica.
- Costa, J. (2015). *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 7(27), 548–553. <https://doi.org/10.1093/ije/dyq272>
- da Silva, R. M. A. (2015). Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada A percepção do professor acerca da sua intervenção pedagógica.
- Dantas, P. F. R., de Macêdo, C. R. S., Fonseca, G. F., & Soares, M. T. N. (2017). Processos de escolarização na/para inclusão de um estudante com deficiência: intersecções na perspectiva curricular., 1–14.
- Entwistle, N., & Entwistle, A. (1991). Contrasting forms of understanding for degree examinations: the student experience and its implications. *Higher Education*, 22(3), 205-227

- Gomes, P. M. S. (2018). Aprender a ser professor: uma análise situacional de percursos e experiências formativas de estudantes de Educação Física. Retrieved from <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/118448/2/308644.pdf>
- Linha, A. B. S. O. 2. (2016). A importância do estágio supervisionado na formação do futuro docente. 1–28.
- Lopes, N. (2019). Supervisão pedagógica : função cooperante na escola durante o estágio do Supervisión pedagógica : función cooperante en la escuela durante pedagógica del profesor la prácticum Resumo Resumen. *Revista Practicum*, 4(1), 55–69.
- Magda Alexandra da Silva Martins. (2014). Clima de sala de aula e Relação Educativa : as representações dos alunos de 3ºciclo, 116. <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/124/111>
- Metzler M (2000) *Instruction Models for Physical Education*. Massachusetts.
- Nogaro, A., & Granella, E. (2004). O erro no processo de ensino-aprendizagem. *Comunicação & Educação*, 0(26), 105. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i26p105-107>
- Ribeiro, J., Silva, L., & Teixeira, A. (2018). A importância da didática na formação do docente.
- Rosa, M. A. (2015). Relatório de estágio pedagógico desenvolvido na escola EB 2,3/S Dr. Daniel de Matos junto da turma do 9ºA no ano lectivo de 2014/2015.
- Rosenshine, B. (1979). Content, time and direct instruction. In P. L. Peterson & H. J. Walberg (Eds.), *Research on teaching: concepts, findings and implications*. Berkeley, CA: McCutchan.
- Sangueiro, S. I. D. (2014). Perfil do Supervisor Pedagógico do 1ºCEB : um estudo de caso.
- Sequeira, P. (2004). *Análise do Processo de Ensino em Educação Física*.
- Severino, C. D., & Porrozzi, R. (2017). A ludicidade aplicada à Educação Física: a prática nas escolas. *Revista Práxis*, 2(3), 51–58. <https://doi.org/10.25119/praxis-2-3-919>
- Siedentop, D., Hastie, P. A., & Van Der Mars, H. (2011). *Complete Guide to Sport. Education* (2nd ed.): Human Kinetics.
- Silva, H. R. G. da, Gonçalves, J. de O. F., & Azevedo, A. L. P. F. de. (2017). Dificuldades enfrentadas pelos professores nas aulas de educação física, 1–15.

Silva, F. E. P. (2014). A Construção de um Professor de Educação Física: O Estágio Profissional como Impulsionador Relatório de Estágio Profissional.

Simone Melo. (2017). Relação entre o clima escolar e desempenho acadêmico em escolas públicas de ensino médio representativas de um estado brasileiro, 260. <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao>

Ulstad, S. O., Halvari, H., Sørenbø, Ø., & Deci, E. L. (2016). APE_2016, 27–41.

Von Glasersfeld, E. (1995). A constructivist approach to teaching. *Constructivism in Education*, 3–15.